



Sumário

INTRODUÇÃO	9
1. TRILHAS DO PERCURSO	13
Notas bibliobiográficas ▪	13
Mordaças e muros ▪	14
Desejo de glória e resistência ▪	19
Consciência literária ▪	24
Anti-heroísmo radical ▪	37
Coquetel de gêneros ▪	42
Brincando com os nomes nos títulos ▪	44
2. FICÇÃO, REALIDADE E VIDA PESSOAL	53
Considerações sobre a esfinge ▪	54
Solidão universal ▪	63
Ingenuidade sem perdão ▪	75

3. ATUALIDADE TEMÁTICA	81
Futebol ▪	82
Racismo ▪	90
BIBLIOGRAFIA	117
Livros de Lima Barreto ▪	117
Livros sobre o autor e sua obra, referências e textos de apoio ▪	119
Lima Barreto, personagem de duas peças de teatro ▪	123
CRONOLOGIA DA VIDA DE LIMA BARRETO	125



Introdução

Toda produção de um escritor ficcionista ou poeta possibilita uma multiplicidade de abordagens. Seus estudiosos podem-na encarar de pontos de vista diversos, uma vez que a obra literária é aberta, porosa, oferecendo-nos a oportunidade de preencher seus vazios não apenas no ato da leitura de lazer como também no momento em que a tomamos como objeto de análise mais detida.

Lima Barreto escreveu o suficiente para, só para falarmos em gêneros, nos remeter ao romance, ao conto, à crônica, ao artigo jornalístico, à crítica literária e, incipientemente, à tentativa dramática, legando-nos ainda seus diários e cartas. Isso já indica que sua obra é estimuladora, pois as características de gênero não são estanques, elas migram de um texto para outro, muitas vezes embaralhando a classificação usada no ensino da literatura. A verdade é que tais classificações não são feitas pelos escritores. Estes, em sua maioria, são amantes da liberdade e por isso dispensam a preocupação prévia de en-

quadrar seu texto em uma forma rígida, por mais que a adotem como apêndice de seus títulos.

Assim, livros que falam de livros e de autores oferecem-nos um olhar sobre eles. Todo olhar sai de um ponto e traz consigo a experiência subjetiva do autor e o seu propósito de dizer coisas específicas que considera importantes. Este livro que você tem em mãos é isto: um realce de determinados aspectos da obra barreteana, mas não exclusivamente dela. Aqui se aborda também o que ela provocou e ainda é capaz de provocar. Lima Barreto experimentou um ângulo de visão social muito diferenciado em sua época no que diz respeito à produção de texto. De seu lugar pode analisar aspectos da vida que só dali seria possível. O “lugar” não é apenas espacial, mas sobretudo subjetivo. É esse ângulo de visão que será privilegiado, bem como o que ele viu e por que se situou naquele ponto. Teria tido outras opções? As circunstâncias desempenham um papel determinante na vida. Mas, ainda que elas sejam poderosas, sempre nos restará um espaço mínimo de livre-arbítrio. Aí reside a nossa possibilidade de escolha. Lima Barreto escolheu. E o que suas escolhas têm que ver com o Brasil do século XXI? Alguma resposta virá mais adiante.

Toda abordagem crítica seleciona trechos da obra e, por limitações, realça só alguns aspectos, deixando outros na sombra.

Os estudos, em geral, se propõem a compreender, interpretar, elucidar. Para quê? Por quê? Há críticos que confessam sua paixão pelo autor; outros falam da importância da obra para a nacionalidade, para a compreensão do país e seus acontecimentos políticos; alguns ressaltam aspectos estritamente formais (tipos de personagens, gênese das histórias, espaço, tem-

po, linguagem, gramática, foco narrativo etc.) para estudar a obra; outros, ainda, se comportam como se não existissem como pessoas e escrevem camuflando-se, na ilusão de que suas opiniões possam ser “impessoais”. Aqui, a justificativa é a seguinte: a obra de Lima Barreto ajuda-nos a fazer analogias entre o passado (a época do autor) e o presente (século XXI). Ela pode nos provocar um verdadeiro incômodo intelectual e emotivo, agradável ou desagradável.

Escrever sobre o que já foi escrito por outra pessoa é tentar dar resposta ao que suas palavras questionaram e continuam a questionar. Uma obra estimulante contém elementos internos capazes de nos envolver, nos enredar, mesmo quando há ausência de ação. Esses elementos conseguem gerar o efeito do encantamento por estarem organizados com arte. Também acionam o potencial de sedução da linguagem, elementos que mesmo alguns leitores seduzidos não aprovam, como o apelo confessional.

Além da prosa de ficção (romances e contos), Lima Barreto escreveu artigos e crônicas¹, publicados em jornais e revistas, abordando temas intrigantes e polêmicos, tais como: racismo, corrupção na política, militares e a violência contra civis, violência contra a mulher, ostentação social, parcialidade da imprensa, literatos esnobes e hermetismo, feminismo, futebol e violência, depressão e loucura, transformações arquitetônicas no Rio de Janeiro e muitos outros. Desses tantos há os que são gritantes ainda em nossos dias.

1. Em levantamento nas obras que reúnem esses textos, Anoar Aiex chegou a um total de 501 publicações (Aiex, 1990, p. 9).

Com a variedade de temas e gêneros contidos em sua obra e pela maneira apaixonada com que escreveu, o autor nos deixou um amplo e pulsante painel da vida cotidiana de seu tempo, alcançando-nos com sua capacidade de revelar e problematizar questões perenes, universais – e aquelas para as quais o povo brasileiro ainda não conseguiu encontrar solução.

A relação entre passado e presente exige cuidado, pois as sociedades e os indivíduos estão em constante mudança. Essas transformações muitas vezes são profundas; outras, superficiais, permanecendo ao longo do tempo costumes, crenças, hábitos de pensar, formas de relacionamento, padrões comportamentais etc. Diversos textos de Lima Barreto tocam nesses pontos que permanecem. Por essa razão, marcaram a memória nacional e até leitores de outros países. Mas se seu trabalho chegou até nossos dias, comovente e questionador, o autor pagou um preço alto em vida: seus livros, ainda hoje, travam uma luta contra as forças de exclusão social, bastante poderosas no Brasil. Elas interferem na cultura, em especial nas artes, que têm o poder especial de alimentar nosso imaginário.



1. Trilhas do percurso

NOTAS BIBLIOBIOGRÁFICAS

Para que tenhamos logo de início uma ideia da produção escrita a que faremos referência neste livro é que essas notas são aqui apresentadas.

Lima Barreto é autor dos seguintes títulos publicados²:

- **Romances:** *Recordações do escrivão Isaiás Caminha; Triste fim de Policarpo Quaresma; Numa e a ninfa; Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá; Clara dos Anjos; O cemitério dos vivos; O subterrâneo do Morro do Castelo**.

2. A maior parte dos títulos citados pertence à edição *Obras de Lima Barreto*, de 1956; assinalado com (*) está o título do romance não incluído na citada edição; o sinal (**) indica as coletâneas de textos mais recentes. Os dados complementares encontram-se na bibliografia.

- **Novelas:** *Aventuras do Dr. Bogóloff* (publicado com *Os Bruzundangas*); *Clara dos Anjos* (publicado com *Diário íntimo*).
- **Romances e contos:** *Prosa seleta***.
- **Contos:** *Histórias e sonhos*; *Outras histórias* (publicado com *Histórias e sonhos*); *Contos* (publicado com o romance *Clara dos Anjos*); *Contos* (publicado com o romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*); *Contos* (publicado com *Marginália*); *Contos completos***.
- **Crônicas:** *Toda crônica***.
- **Artigos e crônicas:** *Feiras e mafuás*; *Vida urbana*; *Marginália*; *Hortas e capinzais* (publicado com *Coisas do reino do Jambon*); *Mágoas e sonhos do povo* (publicado com *Coisas do reino do Jambon*).
- **Artigos:** *Bagatelas*.
- **Crítica:** *Impressões de leitura*.
- **Sátiras:** *Os Bruzundangas*; *Outras histórias dos Bruzundangas* (publicado com *Os Bruzundangas*); *Coisas do reino do Jambon*.
- **Diários:** *Diário íntimo*; *Diário do hospício* (inserto no volume *O cemitério dos vivos – fragmentos*).
- **Teatro:** *Casa de poetas*; *Os negros* (esboço) (publicados no volume *Marginália*).
- **Cartas:** *Correspondência, ativa e passiva, 1^o e 2^o tomos*.

MORDAÇAS E MUROS

Diariamente, uma gigantesca massa de informações é produzida e disseminada em todo o mundo pelos meios de comunicação. A televisão, cujos espaços publicitários são os mais

caros, tem uma escala de preços: custam mais os anúncios veiculados justamente no horário em que os trabalhadores, finda sua jornada diária, voltam para casa a fim de repor as energias. Mente relaxada é mente mais receptiva. É a hora do bombardeio da propaganda e dos programas que veiculam as ideias que interessam aos grupos dominantes. Além dos trabalhadores, há os jovens e as crianças, campo fértil para o acomodamento das ideologias.

Sabemos que os conteúdos são selecionados por grupos de interesse. Para ser hegemônico, um grupo deve controlar o aparelho do Estado e as principais organizações da sociedade civil, sobretudo as referentes aos meios de comunicação. A seleção de conteúdos obedece a padrões de pensamento e conduta ligados à permanência e à continuidade do poder em suas variadas formas. Assim é feita a realidade, ou melhor, o que se promove como realidade. Ninguém domina ninguém sem fazer o dominado pensar em determinados valores, senti-los e, sobretudo, acreditar neles – principalmente aqueles que o mantêm no lugar social desprestigiado.

O racismo é uma ideologia que necessita da constante disseminação de crenças que reforcem ideias e sentimentos de superioridade de determinado grupo racial ou étnico. Omitir informações que possam reforçar a autoestima dos grupos dominados e, quando não for possível, manipulá-las a fim de impedir que exerçam tal finalidade é a tarefa mais comum da formação/informação a ser veiculada.

Segundo Eagleton (1997, p. 62), “[...] as ideologias bem-sucedidas são aquelas que tornam suas crenças naturais e autoevidentes – fazendo-as identificar-se de tal modo com o ‘senso

comum’ de uma sociedade que ninguém sequer imaginaria como poderiam chegar a ser diferentes”.

No Brasil, vários fatos e figuras históricas ficaram congelados por longo tempo. E, quando o degelo próprio das contradições sociais ocorreu, a manipulação entrou em ação.

A história do negro no Brasil – tanto a mais antiga quanto a contemporânea e aquela calcada no cotidiano – contada pelos brancos de má-fé é disseminada na mídia e na escola. Aliás, é no cotidiano que personagens anônimos realizam a façanha da verdadeira história humana, de cuja seleção, por alguns privilegiados, é que vai constituir o conhecimento a ser transmitido para as futuras gerações. A literatura é uma forma de, pelo imaginário, selecionar conteúdos e vivências da realidade e fixá-los no tempo por meio da perenidade da linguagem escrita.

Assim, manter a ideia de hierarquia racial é a função dos agentes do racismo, dos que são conscientes de sua função e dos demais inocentes úteis. O método da omissão ou, em outros termos, da invisibilização atingiu vários vultos históricos negros, como Zumbi dos Palmares (1655-1695) e João Cândido (1880-1969). Zumbi, herói nacional do século XVII, esteve no limbo até meados do século XX. João Cândido, o “Almirante Negro”³,

3. A expressão foi consolidada pela letra da música de João Bosco e Aldir Blanc *O mestre-sala dos mares*, lançada na década de 1970, que narra a Revolta da Chibata ocorrida em 1910. Em julho de 2008, 98 anos depois da Revolta, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei n. 11.756, que concedeu anistia póstuma a João Cândido e aos demais participantes daquele movimento. O gesto, de grande importância, foi apenas simbólico, pois todos já haviam falecido. Para mais informações, consulte a obra *João Cândido*, de Fernando Granato (veja as indicações completas na bibliografia).